

Festa, decotes e galerias tomadas

Da sucursal de
BRASÍLIA

A sessão de posse dos novos deputados federais, realizada na tarde de ontem, foi marcada pela presença de grande público, muita alegria e desorganização. O fato de maior destaque foi a vaia de dois minutos ao estreante Paulo Maluf (PDS-SP). Mal disfarçando o constrangimento, ele rodopiou e acenou para o plenário. Entretanto, corou intensamente.

Com um atraso de 20 minutos, decorrente da necessidade de correções de última hora na lista de chamada dos deputados, a sessão foi aberta pelo presidente da Câmara, Nelson Marchezan, às 15h20. O regimento interno foi parcialmente esquecido. Crianças, homens sem terno e mulheres sem mandato ocuparam cadeiras parlamentares, e os que esperaram um clima solene foram surpreendidos com uma verdadeira festa, temperada com um calor quase insuportável, muita informalidade e generosos decotes de convidadas.

Pouco depois das 14 horas, as galerias já estavam inteiramente lotadas, bem como os estacionamentos da Câmara, mas continuava a chegar gente. O comentário de velhos funcionários era o de que nunca havia ocorrido uma posse tão movimentada, com a presença de cerca de oito mil pessoas. Antes do início da sessão, a primeira manifestação popular: Mário Juruna, o cacique eleito deputado pelo PDT do Rio de Janeiro, elegante num terno azul-marinho, e gravata cinza claro, foi até as galerias. Reconhecido, ganhou palmas. Eram 14h50 e ele respondeu com a mão direita, fazendo o "v" da vitória.

Os garimpeiros que vieram de Serra Pelada homenagear o deputado Sebastião Curio (PDS-PA) chamaram-nos pelo nome. E o plenário e galerias responderam com a primeira onda de vaias. Eram quase 15 horas e chegou Paulo Maluf, que teve o lugar cedido pelo líder em exercício

do PDS, Hugo Mardini, na primeira fila. Apenas dois ministros, Ibrahim Abi-Ackel, da Justiça, e Cesar Cals, das Minas e Energia, compareceram. Tomaram lugar também na primeira fila.

Quando Nelson Marchezan abriu a sessão, solicitou cooperação dos presentes no sentido de desocuparem as cadeiras do plenário reservadas exclusivamente aos deputados. Como ninguém se mexeu, dois minutos depois ele iniciou os trabalhos. Mas foi interrompido por uma questão de ordem levantada pelo líder do PMDB, Freitas Nobre: solicitava que constasse da ata da sessão ressalva do partido ao juramento constitucional.

Freitas Nobre alegou: "Ao lado da plena restauração do Estado de Direito democrático, inserido no programa do PMDB, registrado no egrégio Tribunal Superior Eleitoral, defendemos a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana, que a própria realidade brasileira está reclamando como aspiração nacional — saída honrosa e pacífica para o impasse constitucional em que a Nação ainda se encontra mergulhada".

A questão de ordem foi aplaudida e colocada para livrar o PMDB do compromisso de jurar defender a Constituição, uma praxe nas ocasiões de posse. Em resposta, Marchezan argumentou que o diplomado não poderia mudar os termos do juramento.

A sessão prosseguiu com todo o plenário de pé ouvindo a leitura do juramento de posse feita por Marchezan. As galerias se levantaram também. Houve o primeiro minuto de atenção. Novas palmas ao final e o início da chamada, nome a nome, da nova Câmara, começando pelo Norte. O deputado paranaense José Tavares estava mal de saúde e, em consequência, foi o primeiro a responder: "Assim o prometo".

A partir daí, ninguém segurou a assistência, e as milhares de pessoas resolveram "julgar" os novos deputados com vaias, aplausos ou gritos. Quando chamado para o juramento, Sebastião Curio levou a segunda vaia da tarde. Sorrindo, respondeu: "Obrigado! obrigado!". Risos gerais.

Aplausos discretos para Cristina Tavares, Jarbas Vasconcelos, e entusiasmados para Miguel Arraes. Estavam sendo chamados os representantes de Pernambuco, e esses pertencem ao PMDB. Na vez da Bahia, o deputado Francisco Pinto (PMDB) também foi aplaudido. Anunciado o Estado do Rio de Janeiro, aplausos gerais, traduzidos como homenagem ao governador eleito Leonel Brizola.

A participação continuou: apupos contra Amaral Neto (PDS-RJ); a charanga do "chaguista" Jorge Leite (PMDB-RJ) funcionou com gritinhos de entusiasmo. O veterano Magalhães Pinto (PDS-MG) levou vaia, juntamente com o conservador Silqueira Campos (PDS-GO). O deputado Gilson de Barros (PMDB-MT), conhecido como "o incrível Hulk", por manifestações violentas na legislação passada, improvisou um discurso ao ser chamado, só que ninguém ouviu, pois estava sem microfone. Vaia também.

Quando teve início a chamada dos deputados de São Paulo, a expectativa era Paulo Maluf. Antes dele, aplausos para Beth Mendes (PT), José Genoíno (PT), Mário Covas (PMDB) e vaias para Ivete Vargas (PTB). Após a estrondosa vaia para Maluf, o mais aplaudido da tarde, com parte do plenário e das galerias de pé: o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães.

A grande assistência foi deixando o local, pouco interessada pelo fim da sessão e, às 16h15, Nelson Marchezan encerrou os trabalhos, convidando todos para um coquetel no Salão Negro da Câmara dos Deputados.